‘

DAS TRADIÇÕES DO TERREIRO À ARENA PÚBLICA: CORPO-TERREIRO-TERRITÓRIO COMO ESCALA DE RESISTÊNCIA

Eixo Temático 21 - interseccionalidades na América Latina: raça, classe, identidade de gênero, sexualidades entre memorias e trajetórias

Rachel Cabral da Silva [1]
Nilton Abranches Junior [2]

RESUMO

A pesquisa, inserida nas Geografias Negras (Guimarães, 2020) e vinculada a movimentos sociais afrorreligiosos, deriva da tese de doutorado em Geografia em andamento. Foca no protagonismo político de mulheres de axé no enfrentamento ao racismo religioso no Rio de Janeiro e na defesa de seus modos de vida. A análise se dá a partir da matriopotência dessas agentes, que atuam politicamente a partir de uma consciência de sua dupla posição no mundo — atravessadas por opressões e, simultaneamente, líderes de seus território-terreiros (Correa, 2006) — e de uma terceira dimensão: a ação estratégica pelo corpo-terreiro-território (Silva, 2024) entendido como ferramenta analítica ao se posicionar politicamente na arena pública na construção de estratégias políticas de Bem Viver (Cunha Junior (2020).

Palavras-chave: Geografias Negras em Movimento, Mulheres de Axé, corpo-terreiro-território, escala da ação política, racismo religioso.

INTRODUÇÃO

A pesquisa insere-se no campo das Geografias Negras desde dentro (Guimarães, 2020), que incorporam ontologias e epistemologias negro-africanas e, neste estudo é engajada com e em movimentos sociais afrorreligioso, ou seja, Geografias Negras em Movimento (Silva e Silva, 2024) e deriva de tese de doutorado em Geografia em andamento. Concentra-se no protagonismo das mulheres de axé, autoridades civilizatórias pertencentes às religiões de matrizes africanas, e suas ações políticas no

[1] Doutoranda do PPGEO-Programa de Pós-raduação em Geografia da UERJ- Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bolsista CAPES e pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Extensão GeoCorpo – silvarachelcabral@gmail.com ;
[2] Professor Associado do Departamento de Geografia Humana e do PPGEO- Programa de Pós-graduação em Geografia e líder do Grupo de Pesquisa e Extensão GeoCorpo- niltonabranches07@yahoo.com.br

enfrentamento do racismo religioso no Rio de Janeiro e em defesa dos seus modos de vida.

Essas mulheres, enquanto autoridades civilizatórias das religiões de matrizes africanas, constroem formas específicas de ação política que articulam diferentes escalas – do corpo à coletividade, do terreiro a arena pública, da espiritualidade (o invisível) à materialidade dos atos de luta do movimento social (Santos, 2011) – que tensionam o Estado a reconhecer seus direitos, saberes e existências.

O racismo religioso é aqui compreendido como fenômeno epistemicida e genocida que atua na destruição das formas/estruturas negro-africanas de habitar, estar, saber, ser, agir e permanecer no mundo. As ações das mulheres de axé são analisadas por meio da categoria corpo-terreiro-território (Silva, 2024), ferramenta analítica que permite reconhecer a articulação entre corpo (como suporte da existência e da memória), terreiro (como espaço sagrado e político) e território (como campo de disputa e re-exisistência). Além disso, o conceito de matriopotência (Oyěwùmí, 2021) é articulada pela epistemologia Yorùbá através da categoria de Ìyá, que representa o papel procriador como fundadora da sociedade humana, é mobilizada aqui, no contexto afrodiaspórico e em movimento, para nomear a força dessas mulheres como agentes políticas e de direitos, conscientes de sua dupla posição neste mundo: atravessadas por racismo/machismo/sexismo/patriarcado, mas também líderes espirituais, intelectuais orgânicas e políticas em seus territórios.

Assim, o objetivo desta pesquisa é compreender as ações políticas das mulheres de axé a partir do corpo-terreiro-território (Silva, 2024) constroem estratégias de enfrentamento ao racismo religioso e de afirmação de seus modos de vida no tensionamento com o Estado. O estudo propõe também refletir sobre como essas práticas podem contribuir com a formulação de políticas públicas orientadas pelo Bem Viver (Cunha Junior, 2020), ampliando as noções de justiça e democracia a partir de perspectivas afrocentrada na construção e na manutenção das espacialidades negras.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa se ancora nas contribuições das Geografias Negras desde dentro (Guimarães, 2020), que propõem uma ruptura com a colonialidade

do saber geográfico ao incorporar epistemologias e ontologias negro-africanas, saberes territorializados e práticas insurgentes que partem da experiência vivida de pessoas negras. Essa perspectiva desmantela a neutralidade epistêmica/ontológica e reconhece a produção de conhecimento como situada, encarnada e atravessada por relações de poder.

As Geografias Negras em Movimento (Silva e Silva, 2024) complementam essa abordagem ao propor uma epistemologia a partir dos movimentos sociais de mulheres negras, estão contidos diversos subconjuntos interrelacionados como, o movimento de mulheres afrorreligiosas, que valorizam os saberes negros nos enfrentamentos cotidianos, nas redes de articulação e nas disputas/formulações por implementação de políticas públicas. Tal movimento não se dá apenas na denúncia, mas na proposição de outros mundos possíveis, alicerçados no Bem Viver, na ancestralidade e nas cosmopercepções africanas.

As contribuições de Santos (2011) sobre os raciocínios centrados no espaço são fundamentais para compreender como as mulheres de axé pensam e atuam politicamente a partir de uma lógica territorial própria, que rompe com a linearidade e a homogeneidade do espaço moderno ocidental. Sua atuação revela racionalidades espaciais que integram o sagrado e o político, o individual e o coletivo, o corpo e a terra, desafiando as formas hegemônicas de pensar o território.

A pesquisa constrói caminhos para pensar o corpo afrorreligioso como escala: lugar de enunciação, re-exisistência, produção de saber, produtora de espaço e significações espaciais. As ideias de corpo como território político e espaço de inscrição de memórias e violências também são articuladas como por exemplo, nos estudos de Leda Maria Martins (2021). Isildinha Nogueira (2021), Alex Ratts (2016), Muniz Sodré (2002) que evidenciam como o racismo opera na materialidade da existência negra e como a escrita e a fala se tornam ferramentas de subversão e (re)construção identitária e também de potências e re-existências (Porto-Gonçalves, 2002) ao incorporar processos de reinvenção, reorganização e regeneração da existência (Oliveira, 2003), formas de ser e estar, inspirando-se no passado, nas lutas presentes e projetando o futuro, dando novos sentidos à vida e ao espaço. Assim desafiam e ressignificam estereótipos impostos pelas territorialidades dominantes.

É nesse contexto que se insere o conceito de *corpo-terreiro-território*, elaborado por esta pesquisadora (Silva, 2024), como ferramenta analítica para compreender as múltiplas escalas de ação das pessoas de axé, mas na tese enfocamos nas mulheres de axé, ferramenta nascida das práticas, vivências e cosmologias das mulheres de axé, sobretudo na luta contra o racismo religioso e pela afirmação de modos de vida negro-africano.

O conceito emerge da escuta atenta às práticas e narrativas dessas mulheres, que ao enfrentarem o racismo religioso, mobilizam três dimensões indissociáveis: o corpo enquanto suporte de memória, espiritualidade e poder; o terreiro não é apenas o local físico da casa de axé- pequenas Áfricas, mas um território sagrado, político e pedagógico, onde se reinscrevem as cosmopercepções negro-africanas em solo brasileiro. É no terreiro que o corpo encontra sua completude enquanto espaço de reontologização — processo pelo qual o ser negro reconstrói sua existência a partir das epistemologias de matrizes africanas, contrapondo-se às ontologias desumanizantes do colonialismo; e o território- arenas políticas- como campo de disputa para o reconhecimento, a luta pelo pertencimento e existência coletiva de seus territórios-terreiros (Correa, 2006).

Ao falar de corpo-terreiro-território (Silva, 2024) é reconhecer que os corpos dessas mulheres não apenas habitam territórios, mas são eles próprios território em movimento, onde o patrimônio cultural negro-africano com seus saberes ancestrais, afetos, memórias, tradições, ética negro-africana e práticas de cuidado, são assentamento vivos das divindades. Trata-se de uma Geografia insurgente, que rompe com a espacialidade ocidentalizada e abre caminho para o entendimento do território como extensão do corpo e do sagrado.

Além disso, ao afirmar essa tríade como uma escala de ação política, ou seja, o modo de pensar/saber/sentir/habitar/agir e permanecer no mundo pelas experiências do povo de axé, deslocando os marcos eurocentrados da análise geográfica, é uma forma de denunciar as violências epistêmicas e institucionais, e propor políticas de Bem Viver fundamentadas nos valores civilizatórios negro-africano.

Assim, o referencial teórico desta pesquisa articula diferentes tradições intelectuais e práticas insurgentes para construir uma leitura situada e comprometida das ações das mulheres de axé, reconhecendo nelas uma potência civilizatória que ressignifica a própria noção de território e de política.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada nos princípios da pesquisa comprometida e situada (desde dentro, por ser uma pesquisadora afrorreligiosa), orientada por um engajamento ético-político com as agentes políticas envolvidas. A escuta sensível constitui elemento central da investigação, permitindo apreender as experiências espaciais vividas por mulheres de axé em movimento. As narrativas produzidas foram analisadas a partir de categorias construídas no diálogo com as próprias interlocutoras, com ênfase nos sentidos atribuídos aos seus corpos, espaços e práticas de ação.

Nos trabalhos de campo, a observação participante foi realizada em encontros, audiências públicas, fóruns e rituais em espaços públicos, acompanhando as lideranças religiosas de matrizess africana no Rio de Janeiro — especialmente mulheres que ocupam posições de liderança em seus território-terreiros (Correa, 2006) e que atuam em articulações políticas em múltiplas escalas, tanto locais quanto nacionais.

A tese em andamento também se vale de fontes documentais, como manifestos, cartas políticas, legislações e relatórios de organizações da sociedade civil que tratam da violência contra povos de terreiro, além de registros fotográficos e materiais produzidos pelas próprias comunidades religiosas. Neste processo foi aprovado o Decreto nº 12.278[3], de 29 de novembro de 2024, que estabelece a Política Nacional para Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro e de Matriz Africana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados revelam que o fazer político das mulheres de axé é profundamente enraizado nos saberes ancestrais e territoriais que emergem do terreiro como espaço de cura, resistência e organização comunitária. Suas ações são orientadas por estratégias

[3] https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/decreto/d12278.htm Acesso em: 18/01/2025.

espaciais (Santos, 2011), que conectam o cuidado com o corpo, a preservação do espaço sagrado e a atuação na esfera pública, em defesa da vida e dos direitos de seus povos.

A denúncia do racismo religioso, portanto, não se limita à acusação de violações de direitos, mas se afirma como uma proposição de mundo, como construção ativa de uma Geografia da existência, onde o Estado é desafiado a reconhecer sujeitos, saberes e as formas de organização territorial negro-africanas.

O conceito de corpo-terreiro-território (Silva, 2024), tal como formulado nesta pesquisa, dialoga com as três dimensões fundamentais da função de aprender e ensinar Geografia conforme propõe Santos (2007): saber a sua posição no mundo, entender como o mundo funciona e intervir no mundo. As mulheres de axé, a partir de seus territórios e corpos, incorporam essas dimensões ao exercerem uma práxis política situada, crítica e propositiva, que transforma o ensino e a produção do conhecimento geográfico em um processo de re-existência, de reconstrução coletiva da vida e de formulação de mundos possíveis, pautados por justiça, ancestralidade e dignidade humana negra-africana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que o protagonismo das mulheres de axé no Rio de Janeiro revela práticas políticas enraizadas em saberes territoriais afro-brasileiros, que têm sido historicamente silenciados, mas que seguem vivos e em movimento. Reconhecê-las como agentes centrais na luta por justiça e equidade é não apenas uma reparação simbólica, mas também uma oportunidade de aprender com suas práticas, que promovem soluções sustentáveis e apontam para um futuro mais justo e plural.

A pesquisa reforça a importância das Geografias Negras como campo teórico-metodológico que permite complexificar as noções de território, corpo e política. Ao incorporar a categoria corpo-terreiro-território, propõe-se uma chave analítica que integra as dimensões simbólicas, materiais e políticas dos processos territoriais, em diálogo com os saberes e práticas ancestrais de mulheres de axé. Essas lideranças ocupam posições fundamentais na manutenção e reinvenção de territórios de resistência e cuidado, tendo sua importância histórica da matrilinearidade nos postos de lideranças.

Por fim, destaca-se a necessidade de políticas públicas que não apenas combatam o racismo religioso, mas que sejam construídas com os povos de terreiro, reconhecendo sua autonomia, espiritualidade e modos próprios de viver, habitar, sentir, produzir e re-exisistir.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, A. M. O terreiro de candomblé: uma análise sob a perspectiva da geografia cultural. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro *[S. l.]*, v. 3, n. 1, 2006. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/tecap/article/view/12620. Acesso em: 26/03/2025

CUNHA JUNIOR, H. A. Se eu fosse ensinar filosofias africanas, eu as ensinaria como a hermenêutica do bem viver. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 20, n. 225, p. 120-132, 13 nov. 2020.

GUIMARÃES, G. F. **Geo-grafias Negras e Geografias Negras.** Revista da ABPN, v. 12, n. Ed. Especial – Caderno Temático: "Geografias Negras" • abril de 2020, p. 292-31.

MARTINS, L. M. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NOGUEIRA, I. B. A cor do inconsciente: significações do corpo negro. São Paulo: Perspectiva, 2021.

OLIVEIRA, E. D. de**. Cosmopercepção Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente**. Fortaleza: LCR, 2003.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.* Tradução Wanderson Flor do Nascimento. 1ª ed.- Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PORTO-GONÇALVES, C. W. (2002). O latifúndio genético e a r-existência indígeno-campesina. In: *GEOgraphia*-Revista do programa de pós-graduação em geografia da UFF, Niterói, vol. 4, no. 8. Disponível em: http:<//www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/issue/view/9> Acessado em: 26/03/2025. **DOI:** https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2002.v4i8.a13431

RATTS, A. P. Corporeidade e diferença na Geografia Escolar e na Geografia da Escola: uma abordagem interseccional de raça, etnia, gênero e sexualidade no espaço educacional. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 46, p. 114–141, 2016.

SANTOS, R. E. dos. (Org). Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: O Negro na Geografia do Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Movimentos sociais e geografia:** sobre a(s) especialidade(s) da ação social. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

SILVA, R. C. da; SILVA, A. B. INTERVENÇÃO POLÍTICA E ESPACIAL DAS MULHERES NEGRAS NO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO DE EMANCIPAÇÃO E RESISTÊNCIA.. In: Discursos, Memórias Negras e Esperança na América Latina. Anais...Rio de Janeiro(RJ) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/1cinalc-e-v-coloquio-raca-e-interseccionalidades-387936/787283. Acesso em: 21/04/2025

SILVA, R. C. da. CORPO, TERREIRO E TERRITÓRIO: O FEMININO NA EMERGÊNCIA DOS MOVIMENTOS AFRORRELIGIOSOS NA LUTA PELO BEM VIVER... In: **Caderno de Resumos do Encontro Latino-americano de Investigadores(as) sobre Corpos e Corporalidades nas Culturas**. Anais...Belo Horizonte(MG) UFMG, 2024. Disponível em: https://www.even3.com.br/ebook/vencontrocorposbrasil2024/843879 Acesso em: 21/04/2025

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Imago; 2002.